

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
26 e 31 de março de 2025

YOUNG MAN WITH A HORN / 1950

(Duas Mulheres... Dois Destinos)

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Carl Foreman, Edmund H. North, a partir da novela homónima de Dorothy Baker / **Director de Fotografia:** Ted McCord / **Director Musical:** Ray Heindorf, com solos de trompete de Harry James / **Direcção Artística:** Edward Carrere / **Montagem:** Alan Crosland Jr. / **Interpretação:** Kirk Douglas (Rick Martin), Lauren Bacall (Amy North), Doris Day (Jo Jordan), Hoagy Carmichael (Smoke Willoughby), Juano Hernandez (Art Hazzard), Jerome Cowan (Phil Morrison), Mary Beth Hughes (Margo Martin), Nestor Paiva (Galba), Orley Lindgren (Rick em criança), Alex Gerry (Dr. Weaver), etc...

Produção: Warner Bros. / **Produtor:** Jerry Wald / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 112 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, 9 de Fevereiro de 1950 / **Estreia em Portugal:** Éden, 8 de Janeiro de 1960.

Michael Curtiz já fez a sua caminhada pelo deserto. "Culpado" de ter realizado **Casablanca**, foi fácil durante muito tempo torcer o nariz à sua restante obra partindo do pressuposto que aquele filme estava tantos furos acima dos restantes graças a um circunstancial fogacho de génio. Mas a pouco e pouco os olhos foram-se abrindo e vendo que nem só de **Casablanca** vive a obra de Curtiz, bastava para isso ter atenção aos seus fabulosos "swashbucklers" dos "thirties" – **Captain Blood** (1935), **The Adventures of Robin Hood** (1938) ou **The Sea Hawk** (1940). Alguma consagração começou pois a estar destinada a Michael Curtiz, chegando o crítico Charles Higham a referi-lo como aquele "whose style brought to life a nocturnal America of the imagination", sendo a asserção reforçada com os exemplos de **Virginia City** (1940), **Yankee Doodle Dandy** (1942), **Mission to Moscow** (1943), **Casablanca** (1943), **Mildred Pierce** (1945) ou **Unsuspected** (1947). Mais do que incompleta, é injusta esta lista ao não incluir **Young Man With a Horn**, e muita gente o tem deliberadamente excluído como sendo mais uma prova das virtudes cinematográficas de Curtiz porque entre os actores encontra-se uma das "bêtes noires" dos cinéfilos cultos: Doris Day. Na realidade a estrondosa popularidade que ela alcançaria despontou às mãos de Curtiz no ano de 1948 com **Romance on the High Seas** (1948), seguindo-se **My Dream is Yours** (1949) sendo a terceira obra comum aos dois esta que iremos hoje ver. Tornou-se deste modo um hábito sacar a Curtiz a responsabilidade na transformação da eterna vestal Doris Day num dos símbolos mais pirosos do cinema americano dos finais dos "forties", altura em que o público se reconfortava melhor da guerra que acabava (a 2ª) e da que começava (a da Coreia) com a imagem caseira da que terá sido a mais cabal "girl next door". O lugar comum foi portanto considerar esta fase da carreira de Curtiz como uma zona de irremissível decadência. Todavia, ignorar os méritos de **Young Man With a Horn** é tomar a nuvem por Juno, ou seja, partir de uma preconceituosa evidência em detrimento da realidade. Por acaso (?) até se pode ir mais longe e afirmar que o elenco de **Young Man With a Horn** – além de outros trunfos que mais adiante se referirão – assenta que nem uma luva nas personagens. Doris Day é na verdade a actriz ideal para dar corpo de forma mais do que linearmente simbólica àquela figura de simplicidade e segurança que é Jo Jordan, essencial para apontar a via da normalidade, quer dizer,

de uma vida com a qual a esmagadora maioria dos espectadores tomaria como exemplo da sua; tal como ninguém melhor do que Lauren Bacall para trazer à cena a confusa angústia de quem não tem vocação artística mas possui tempo e dinheiro para procurá-la; o que uma traz de tranquilizante pelo reconhecimento de si própria e das possibilidades naturais, a outra transporta o abismo do risco que é a constante superação além dos próprios limites. Convirá a propósito dar nota que apesar da sua magnífica composição Bacall se empenhara pouco neste papel, obrigada a aceitá-lo que foi, dado o conflito que mantinha com os estúdios depois da sua recusa em participar em **Storm Warning** de Jerry Wald que acabaria por sair em 1951 com Ginger Rogers no lugar que lhe queriam ter destinado. É pois entre estas duas mulheres tão intrinsecamente construídas por Day e Bacall que Rick Martin (Kirk Douglas) tem que escolher, não como opção afectiva, porque desde logo se entende que toda a sua emoção só existe através do trompete, mas como modelo de uma atitude perante a música que nele se confunde com a vida. Brilhante é um bom adjectivo para qualificar este desempenho de Douglas, porque tudo nele passa pelo acender e apagar do brilho dos seus olhos: acesos quando a sua comunhão com o instrumento vai em sentido ascensional, apagados na queda para o total desencontro entre si e a capacidade sonora que lhe dá alento.

As analogias entre a estrutura narrativa formal de **Young Man With a Horn** e a de **Casablanca** passam imediatamente pelo nome de Rick atribuído a Bogart neste segundo filme e a Kirk Douglas naquele, ambos homens à procura do que não alcançam; além disso surge de novo em **Young Man With a Horn** o triângulo de amores cuja essência é a dualidade, pois uma banal análise geométrica nos faz compreender que de cada vértice partem dois catetos; o pólo indeciso – Ingrid Bergman em **Casablanca**, Kirk Douglas em **Young Man With a Horn** – é aquele que mais do que uma opção afectiva tem que tomar uma atitude perante a vida. Neste último filme constata-se assim um interessante jogo de transparências segundo o rumo que o saxofonista leva: primeiro são as portas e as janelas que abrem à câmara uma vasta profundidade de campo e depois do casamento com Bacall todas as imagens se devolvem sobre si mesmas, fechadas pelos espelhos que as rodeiam. Ainda mais surpreendente do que isto, que decorre de organização narrativa, é o esplendoroso jogo de linhas curvas cujo apogeu está nos planos das ruas da East Village nova iorquina.

Young Man With a Horn tem mais do mundo do jazz do que ser uma reconhecida ficcionalização da vida de Bix Beiderbecke. Tal como em **New Orleans** se vê o jazz na cave, agora em oposição à “dance music” – aquela que Jam Session, na sua imprevidência, confundia com o jazz – que se toca na sala. É também entre estes dois caminhos, o da arte e o do dinheiro, que se debate Rick Norman, à procura daqueles agudos que só quase uma década depois (Beiderbecke morreu em 1931) Gillespie obteria no turbilhão do *be bop*. Mas **Young Man With a Horn** revela ainda os meandros da iniciação quase sacralizada, e da entrega que ela exige para se poder penetrar nesse complexo mundo de sons e regras que é o jazz; que Bacall lhe chame “cheap brass” mostra a impossibilidade de sequer entrever o que se passa no interior de Kirk Douglas...

Young Man With a Horn tem um “happy end” arranjado à pressa pelo produtor que num visionamento prévio não gostara nada da morte de Rick ouvindo enfim o som que procurava. Eram tempos que necessitavam de optimismo e era isto um valor que tão alto se levantava que obrigou, a despeito da fúria de Curtiz, a engendrar um final tão desconchavado e tão contra o espírito da narrativa. Pelos vistos era sina de Michael Curtiz as complicações sobre como acabar os seus filmes...

José Navarro de Andrade